

## O NEGÓCIO CALOROSO DA INFIDELIDADE

Ligou para o Hotel Blue Water e pediu para falar com a *manager* do *site* Vic Solar.

Não tardou a ter ao telefone uma voz hiperardente com forte sotaque inglês.

– *Yes, yes, yes? Please, sir...*

– Desejava um encontro. Uma mulher de trinta anos. Bonita, bem feita, carinhosa. De preferência com longos cabelos pretos.

– Brasileira? Moldava? Russa? Ucraniana?

– Não, uma portuguesa. Casada, sem filhos...

– Inscreva-se. A inscrição custa duzentos euros. O hotel é às suas expensas... Avisamo-lo daqui a quinze dias.

– Fico à espera. Boa tarde.

O contabilista Pires Proença desligou o telefone e foi sentar-se à espera de se acalmar. Fora a primeira vez, em dez anos de casamento, que perdera a calma ao pensar na amante que pretendia. A esposa já não o satisfazia, andava foscamente frígida, e até se recusava, por vezes, aos contactos sexuais do fim-de-semana.

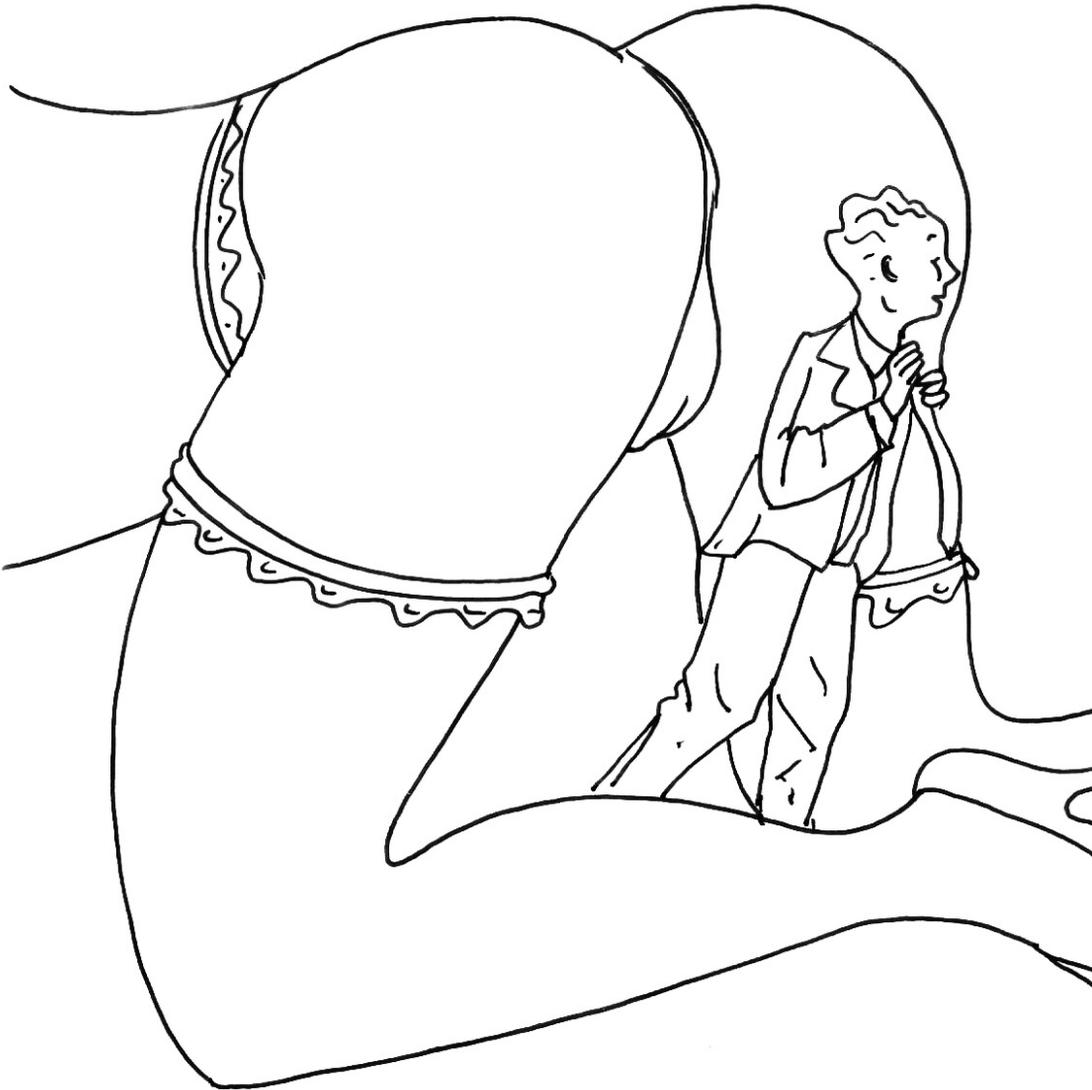
Nessa noite não dormiu. Pensava já no traço-de-boazona que lhe ia aparecer pela frente. A mulher, ao lado, ressonava virada de barriga para cima. Sob a égide de. E ele pobrete e alegrete. Deu-lhe uma leve cotovelada e a esposa voltou-se. Depressa silenciou, sem eira nem beira. Assim passaram dias entesadidos...

Ao décimo quinto dia, levantou-se erecto e sério e cedo foi para o emprego. Deu um beijo na face da mulher ainda na cama a dormir e encatrafou-se no metro. Sentado, pôs-se a pensar na infidelidade.

Olhou as caras das mulheres mais jovens e tentou descortinar nelas os sinais exteriores da traição. Lá estavam eles. Profundas olheiras anunciavam a condensação de paixões flamejantes. Esta, por exemplo, que estava sentada mesmo diante dele. Não fazia outra coisa senão roçar a perna uma na outra, retinia-lhe a labareda da conaça, e até metera os óculos escuros para melhor olhar sem ser vista a sua por-tinhola.

O telemóvel tocou às dez.

– O seu encontro é hoje no Hotel Blue Water, às dezasseis horas.



Quando chegou a hora fatal, inventou uma desculpa ao seu chefe («Vou fazer umas análises», eficaz como as águas das Pedras Salgadas) e dirigiu-se para o velho hotel famoso, que estava transformado e com um nome estrangeiro mais pomposo. Já perto, afogeedo pela subida, olhou em baixo a estátua do Marquês. E sorriu. Era o homem que tivera a piça mais horizontal de Portugal. Uma referência absoluta.

Deram-lhe um número e um cartão com o nome da sua recepcionista. Esta era uma inglesa jovem e entesante. Falava um português perfeito, só que lambia muito os ditongos crescentes.



– Deseja uma mulher com máscara ou sem máscara?

– Com máscara.

Respondeu mecanicamente. Mas já sabia, antes de entrar, que não queria uma mulher só nua. Tinha de ter artifícios.

– São mais cem euros.

Tirou o dinheiro do bolso e pagou logo. A jovem sorria. A esta dava-lhe quatro, sem desencavar...

Já no elevador, começou a entesar lentamente.



Esperava há bem mais de um quarto de hora, quando ouviu uma voz doce anunciar pelo circuito interno (a bem-vinda vinha do tecto):

– Senhor Pires Proença, a sua escolha vai entrar. Seja feliz. E desde já lhe agradecemos a preferência pelos nossos serviços...

Esperava-a pela porta principal, mas ela saiu da parede, de uma porta disfarçada pela bela tapeçaria francesa com cenas de galantaria, do século XVIII, em jardins frondosos.

Vinha vestida com um *déshabillé en dentelle* preto, fechado com uma fita de cetim da mesma cor. Tinha umas pequenas calcinhas rendilhadas e o belo peito estava à mostra. Na cara usava uma máscara preta e os longos cabelos pretos eram sedosos e postiços.

Pires achou-a tremendamente excitante e sabendo o seu presente de mulher casada desleixada pelo marido, um marido calado e que desprezava flores, mais entesou. Estava agora com uma rebarba de três dias e três noites.

Aproximou-se dela e meteu a mão no interior da calcinha para ver o correntio. Gostou do que sentiu. A vulvíssima estava já molhada.

Mas a calmíssima estendia-lhe já um preservativo:

– Meta isto, por favor! É para seu bem!

– Gostava que fosse você a fazer isso – respondeu ele.

Ele estava agora guarnecido, mas bombástico. Esta mulher misteriosa excitava-o. E o facto de ela ser casada entontecia-o. Via-se já a pôr os...

Foi de repente puxado de safanão para cima da cama. A misteriosa brutal abriu as pernas e de um golpe de mestre enfiara o seu precioso caralho vestido na sua cona pedinchona e quente.

Gemia, gemia agora, suplicava por ela não parar. Nunca tivera tanto gozo. Era a primeira vez que uma mulher o comia. Era bestial, bestial!

– Queres mais, sacana? Diz!

E ele respondeu:

– Quero!

E ela continuava:

– Diz lá que és um fodilhão falhado!

E ele retorquiu:

– Sou um desses, sou!

– Gostarias de ter casado comigo, seu cegueta de merda?

– Oh! Se gostava! Sim, sim! És o meu género! Tal e qual!

Ele sentiu os colhões molhados pela espuma dela. Ela agarrava-se agora ao seu pescoço e apertava-o.

– Vamo-nos agora vir os dois ao mesmo tempo. Queres?

– Quero! Quero mais! Mas não me afogues!

Ela cavalgou-o ainda mais. Ele sentiu que todo o esperma acumulado ao longo de anos e anos de uma vida triste de casado vinha a caminho para explodir na conaça infinita daquela mulher fenomenal...

Ela gemia agora por dois enquanto apertava o pescoço dele...

Foram dois gritos horrendos, de brutas bestas selvagens, os que ecoaram naquele hotel de cinco estrelas onde havia um porteiro que era surdo, uma camareira que era cega e um patrão que era holandês. Mas não tardou a ouvir-se a doce voz tectal:

– Obrigado. As vossas saunas estão preparadas. Queiram reganhar as portas 5 e 6, caros clientes.



P. P. foi o primeiro a sair e rapidamente se meteu no metro. Tinha pressa de chegar ao Rossio e beber umas copázias para comemorar. De repente, depois da estação da Avenida, sentiu que todas as mulheres da carruagem o olhavam, o desejavam, queriam também foder com ele. Era um êxtase inacreditável.

Na Tendinha, engoliu de pé meia dúzia de pastéis de bacalhau e umas taças de vinho tinto.

Quando saiu de lá, vinha já tocado e a celebrar em palavras desconexas a vida da vida e não a sobrevivência dos ricos previdentes.

Uma mulher não veio ao mundo para sofrer.

Uma mulher veio ao mundo para amar, toda a gente sabe isso.

Uma mulher veio ao mundo para cavalgar um homem, sem sela, claro.

A sua alegria era enorme. Descobrira um derivativo, talvez assim o seu casamento se consolidasse.

Ainda se sentou durante meia hora na esplanada do Nicola a beber uma garrafita de *Grão Vasco* antes de ir para casa. O vinho tinto ajudando, brindou a todas as estrangeiras bonitas que passavam e que facilmente podiam ser suas – se quisesse.

Quando entrou no elevador do seu prédio, já assobiava. No quinto andar, desceu e meteu a chave na fechadura.

A chave rodou dez vezes.

E logo que entrou, viu-a. No vestíbulo, esperava-o. De máscara preta e um *déshabillé en dentelle*. Uma fita de cetim da mesma cor fechava o conjunto.

## TRIPAS À MODA DE MONSIEUR RAMOS

Nessa noite estava no Porto para fazer uma conferência no Café Guarany. O tema era aliciante e devia ter algum público, principalmente jovem, já que o título da minha exposição era todo um programa: «A importância do pensamento gnóstico no desenvolvimento do orgasmo feminino».

Enquanto não eram horas de ir para esse belo café da Avenida dos Aliados, fui jantar. Não gosto do Porto, acho-o pegajoso como o capachinho do Portas e religioso como uma freira pasmada que acaba de sair da catedral da Santíssima Trindade em Fátima, que mais parece uma praça de touros. Já não falo do seu lado sombrio que me faz arrepiar imediatamente os pelos do cóccix, e então no Inverno, às cinco da tarde, parece a negra Escócia trevosa, mas sem *whisky*. Mesmo assim, fui dar ao dente para uma tasca na Ribeira – único sítio que vale a meus olhos um dedalzinho de indulgência.

Estava eu a comer um bacalhau à minhota, quando entrou na sala o meu conhecido Lemos que me bateu nas costas. Estava no Porto em negócios. Tinha ido encomendar um escritório moderno a Paços de Ferreira. Era um duro caçador de negócios falidos que depois reactivava. Além disso, jogara na bolsa, na qual ganhara muito dinheiro. Nascera na província e desse tempo ficara-lhe a paixão das tascas e das putas. Víamo-nos às vezes, em Lisboa, nos lançamentos de livros, *vernissages* de pintura ou concertos de cantores franceses. Ele tinha também a paixão pela França. Sentou-se e encomendou umas tripas.

Durante o jantar, ele, que é um fala-barato, só falou em merdetrizes. Se eu conhecia algum local novo; qual era o preço vigente; se ainda

havia putas de leste com a cona rapada. Enfim, o Lemos deu-me uma seca. Olhei o relógio e vi que eram horas de partir. Mas ele ofereceu-se para me transportar. Saímos do restaurante e ele conduzia que nem um esquimó, mas mesmo assim, antes do Guarany, diante da estação de São Bento, deu um grande grito *sioux* e abrindo o vidro do seu lado disse alto que foderia nessa noite uma palangana de brasileiras. Lá me deixou e insistiu para me vir buscar, pois tínhamos de «ir a elas».

Embora o tema fosse sedutor, nessa noite não tive mais de cinquenta pessoas. Os dragonenses jogavam, havia um concerto no Palácio de Cristal, chuscava, enfim, a cultura nunca arrastou multidões neste país que vive a trivialidade do costume: problemas de saúde derivados de questões financeiras. Expliquei aos presentes como, em 1945, se tinham descoberto em Nag Hammadi, no Alto Egipto, doze livros encadernados em couro e vários cadernos de um décimo terceiro: era toda uma biblioteca gnóstica em papiro e em tradução copta. Estavam ali reunidos todos os textos completos, tantas vezes discutidos pelos filósofos neoplatónicos e os heresiólogos cristãos, tais como o *Evangelho da Verdade*, atribuído a Valentim, o *Livro dos Segredos de João*, ou o célebre *Evangelho de Tomás*. Expliquei depois o que era a gnose, disse-lhes que, à força de experiência, lendo ora o *Apocalipse de Adão*, o *Evangelho Segundo Maria*, ora as sentenças de *Sextus* ou a *Três Estelas de Seth* às mulheres apaixonadas, elas entravam imediatamente num longo e puro orgasmo. Não era de admirar, disse-lhes eu, não havia em toda a alma abrasada o desejo de recuperar o que ela tem de divino? Concor-daram comigo e, no final, a minha erudição foi muito aplaudida.

Deixei levantar o público e olhei a entrada do café. Chegara o Lemos e trazia um homem estranho a seu lado. Em camisa e desgolado, só podia ser um chofer de táxi.

Esse final de noite foi patético. O chofer do táxi levou-nos pelo menos a vinte casas anónimas na Rua Fernão de Magalhães e arredores. O chofer parava, indicava-nos a casa, nós batíamos à porta, um olho abria-se. Entrávamos para uma salinha e rapidamente vinha uma dezena de putazinhas em biquíni ou *string* e nós escolhíamos ao mesmo tempo que discutíamos o preço com a matrona da casa. Foi à vigésima que acertámos, mas já eram quatro da manhã. Eu escolhi uma brasileira de ascendência japonesa, altíssima, nunca tinha visto uma japonesa assim. Cara de gueixa num corpo escultural. Esta mestiçagem excitou-me e subi com ela para o seu quarto, enquanto o Lemos levava duas do Pará.



Valentina chamava-se ela. Além disso, era um apocalipse perfeito e podia muito bem ter saído de um romance de Tanizaki.

A primeira coisa que lhe disse foi que deveria gozar comigo como uma compatriota sua que se chamava também Valentina e que eu encontrara no comboio entre Corumbá e São Paulo. «Sabe o que ela fez para me satisfazer?», perguntei-lhe. Já ela tirava o soutien e mostrava uns seios dignos de serem trincados. Foi o que fiz, e ia introduzir-lhe o dedo na cona, quando ela se afastou. Devia ter ido a Luxor com o Paulo Coelho. As suas recriminações viriam mais tarde em forma de flamingo? Não, como ave pernalta, ela portou-se bem até ao fim, sempre amorosamente colaboracionista. E foi assim que se agarrou ao meu caralho para o chupar com entusiasmo. Olhava para ela e notei no seu olhar que simpatizava comigo, porque eu lhe dissera que vinha do Altiplano, lá onde o mundo se anotava duplamente para se tentar ser feliz. Pois foi precisamente isso que ela fez, disse-lhe. Então, enquanto chupava o meu caralho, contei-lhe que ia fazer uma revelação. Uma revelação de entontecer o povo mais aguerrido. Tirou o caralho da boca e eu olhei-a e vi que ela tinha tido prazer e aproveitei para a virar de costas. Era à canzana que ela seria revelada. Sabes quem eram os gnósticos?, ela gemia já e concordava. E às tantas falou: «Eu estou neste mundo, mas eu não sou deste mundo.» E lançou-se outra vez no gozo, enrodilhava-se toda como uma cobra. Valentina era gnóstica sem o saber. Se a vida é êxodo, o gnosticismo deve encontrar vias que lhe permitam o regresso à pátria de origem. O conhecimento é o instrumento desse regresso, que se chama salvação. Estávamos agora em uníssono, e foi assim, naturalmente, que passados dez minutos nos viemos os dois ao mesmo tempo.

Quando descí do quarto, satisfeito, a matrona segredou-me que o meu amigo ficava lá nessa noite hospedado até às tantas. Fora o recado que ele me deixara. Chamei um táxi e reganhei o hotel para ir buscar as malas, pois tinha o Alfa muito cedo. Enquanto tomava um duche para acordar, pensava no Lemos que afinal era gnóstico (o que eu não sabia) e encontrara o discurso perfeito.

Deixei Campanhã era já dia e no comboio a alta velocidade, enquanto arrumava a minha bagagem, uma freira sentou-se a meu lado. Sem mais delongas, comecei-lhe a contar a aventura gnóstica dessa noite e imediatamente as suas tripas começaram a remoer.